

Uma pesquisa survey da cadeia produtiva de trigo e seus derivados tendo como referência a Agenda 2030 e os ODS

Survey of the wheat and derivatives production chain regarding the 2030 Agenda and the SDG

Ilana Racowski^{a, b}

João Amato Neto^c

^a Doutorado em Biotecnologia, Pesquisadora, Departamento de Engenharia de Produção, Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

^b Professora, Departamento de Engenharia de Alimentos, Faculdade de Tecnologia Termomecânica, São Bernardo do Campo, SP, Brasil
End. Eletrônico: ilmb@usp.br

^c Doutor em Engenharia de Produção, Professor, Departamento de Engenharia de Produção, Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil
End. Eletrônico: amato@usp.br

doi:10.18472/SustDeb.v12n1.2021.36022

Received: 09/01/2021
Accepted: 30/03/2021

ARTICLE – VARIA

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi realizar um diagnóstico do segmento de trigo e derivados em relação à adoção/implementação dos ODS da Agenda 2030 em suas práticas empresariais. Para tal, foi utilizada uma amostra de 91 empresas (com a aplicação de mais de 157 questionários) pertencentes à agroindústria do trigo e indústria de transformação e a metodologia exploratória-descritiva tipo Survey. Foi utilizado como instrumento de trabalho um questionário semiestruturado, contendo perguntas dicotômicas, tricotômicas, de múltipla escolha, escalar e numéricas, perguntas abertas e campo para observações, além de entrevistas com gestores da área de qualidade e/ou ambiental. Os dados coletados passaram por análise qualitativa e quantitativa e demonstraram que, por mais que existam muitos ODS ainda em estudo de uma possível incorporação nas práticas industriais e outros em fase de implementação, o número de objetivos que já fazem parte dessas práticas empresariais ainda é muito pequeno (38,4% – 6 de 17 ODS).

Palavras-chave: Agenda 2030. ODS. Indústria do trigo e derivados. Desenvolvimento sustentável.

ABSTRACT

The adequacy of the 2030 Agenda and the SDG is a new instrument that companies should implement within their innovative processes to improve social, environmental, and economic issues internally and externally. Thus, this work aims to diagnose the wheat and derivatives segment and the adoption/implementation of the 2030 Agenda and SDG to business practices. To this end, a sample of 91 companies of the wheat agribusiness and processing industry was studied, using the survey-based

exploratory-descriptive methodology. Data collected underwent qualitative and quantitative analysis, which demonstrated that although many of the SDGs are under assessment for possible new integration with those remaining and those under implementation, the number of objectives already included in business practices is still trivial (38.4%, that is, about 6 out of 17).

Keywords: 2030 Agenda. 17 SDGs. Wheat and derivatives industry. Sustainable development.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Martins (2020), mesmo sendo ainda cedo para realizar um diagnóstico definitivo, o surto causado pelo vírus zoonótico SARS-CoV-2 parece ter uma vinculação com a degradação ambiental (desmatamento de reservas florestais ou próximo a essas reservas, mudanças de habitats de espécies selvagens nativas através das novas construções, etc.) e que poderia ser menos devastador se os países conseguissem avançar na Agenda do desenvolvimento sustentável, por meio da implementação dos 17 ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável), metas e indicadores descritos na Agenda 2030 das Nações Unidas (ASN, 2020).

A Agenda 2030, criada em setembro de 2015, é uma Agenda global capaz de alcançar o desenvolvimento sustentável nas quatro dimensões: econômica, social, ambiental e institucional (SILVA, 2018). Desde a sua implementação, de acordo com o Relatório Luz, publicado em 2019, o Brasil está cada vez mais longe de alcançar os objetivos e metas estipulados pela Agenda (NILO; MATTAR, 2019). Porém, se de um lado o Brasil vem se afastando cada vez mais das metas de desenvolvimento sustentável propostas pela Organização das Nações Unidas (ONU) para 2030, de outro, algumas grandes empresas brasileiras têm mostrado protagonismo, intenção e empenho na inclusão de alguns ODS em suas estratégias empresariais, mesmo que em um ritmo lento (LEITE, 2018). Além disso, pode-se dizer que essas inserções dos ODS nas práticas empresariais são muito pontuais, não deixando com que se perceba uma grande transformação no modo de produção das empresas ou que os ODS determinem boa parte das tomadas de decisões (LEITE, 2018).

De acordo com o relatório “Mercados de Capitais e ODS”, o setor privado tem papel essencial no processo de incorporação da Agenda 2030 no país. Isso pode ser explicado pelo fato de as empresas possuírem grande poder econômico, sendo capazes de realizar inovações com uso de tecnologias de ponta, como, também, serem influenciadoras e engajadoras dos mais diversos públicos – governos, fornecedores, colaboradores e consumidores (B3 et al., 2018).

Para as empresas, também é vantajoso conseguir desenvolver-se de forma sustentável e trabalhar em prol dos ODS. No guia dos ODS para as empresas, desenvolvido pelo Global Reporting Initiative (GRI) e outros autores, os possíveis benefícios alcançados quando se trabalha dessa forma são: identificar novas oportunidades de negócios com soluções inovadoras e mudanças transformadoras, valorizar a sustentabilidade corporativa mediante o emprego de recursos de forma eficiente e fortalecer as relações com as partes interessadas diminuindo riscos legais (GRI et al., 2016).

Dessa forma, pensando que já se passaram cinco anos de atuação da Agenda 2030, adicionado ao fato da sua importância para o desenvolvimento sustentável e as vantagens que pode trazer para o setor industrial, este trabalho tem por fundamento avaliar, nas empresas do segmento do trigo e derivados, qual a familiaridade que elas têm com a Agenda e qual o estágio de implementação de seus 17 ODS. Cabe destacar que não será objeto deste estudo analisar de forma aprofundada os elementos que compõem a Agenda 2030, já que seu objetivo é analisar sua adoção às práticas industriais do segmento de trigo e derivados.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 AGENDA 2030 PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Em 2015, líderes mundiais reuniram-se na sede da ONU, em Nova York, e endossaram o documento “Transformando Nosso Mundo: Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável”, uma Agenda de desenvolvimento global para todos os países e partes interessadas usarem como um modelo para concretizar três elementos-chave interligados e interdependentes: crescimento econômico, inclusão social e proteção ambiental (ANDERSON et al., 2017; PASQUALETO, 2020).

Sua implementação deve ser encarada como um processo complexo de mudanças e transformações, visando um desenvolvimento sustentável, que seja socialmente inclusivo, ambientalmente limpo e economicamente produtivo (PASQUALETO, 2020). Trata-se de uma estratégia de longo prazo, cujo termo desenvolvimento sustentável presente em seu título representa as medidas ousadas e transformadoras para promover a sustentabilidade nos próximos 10 anos sem deixar ninguém para trás (FEIL; SCHREIBER, 2017; HOVE, 2004).

Dezessete ODS, 169 Metas e Indicadores associados ancoram a Agenda 2030, porém, pode-se dizer que os ODS são o núcleo da Agenda e deverão ser alcançados até o ano 2030 (RAZAVI, 2016). A Agenda busca equilíbrio entre as múltiplas dimensões que compõem a vida no planeta: social, ética, jurídico-política, econômica, ambiental, científico-tecnológica, entre outras. (ONU, 2019; PASQUALETO, 2020).

Vale ressaltar que os ODS podem ser considerados como uma continuação dos Objetivos do Milênio – ODM (BÁRCENA, 2015). O que diferencia os ODM dos ODS é que as ações dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio focavam as questões sociais envolvendo pouco o eixo econômico, e os ODS são mais globais e com grande foco no meio ambiente (ONU, 2015).

Os 17 ODS (<http://www.agenda2030.com.br>) acordados incluem metas em uma grande diversidade de temas, tais como erradicação da pobreza, agricultura e segurança alimentar, educação, saúde, redução das desigualdades, energia, água e saneamento, produção e consumo sustentáveis, mudança do clima, proteção e uso sustentável dos ecossistemas terrestres e dos oceanos, crescimento econômico inclusivo, infraestrutura e industrialização, cidades sustentáveis, governança e estratégias de implementação (GRI et al., 2015). Proporcionam uma estrutura integrada, holística e coerente para abordar os mais urgentes desafios do mundo com respeito à sustentabilidade e para criar um futuro melhor para todos, sendo o último deles, o ODS 17 – Fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável – (NAÇÕES UNIDAS, 2018), uma amarração de toda a Agenda 2030 (SAYEG, 2017). Esse ODS é o único processual, composto de procedimentos e não metas, como os outros 16.

Ainda, devido à preocupação sobre o cumprimento da Agenda, em setembro de 2019, líderes globais, reunidos na “Cúpula ODS”, em Nova York, definiram o lançamento do movimento “Década da Ação” (“SDG Accelerations action”) que teve início em janeiro de 2020 para acelerar o cumprimento dos ODS até 2030 (KINGO, 2020). Trata-se de um movimento voluntário, em que, por meio da plataforma UN DESA, são descritos os esforços realizados em prol dos ODS, como: uma nova política, um programa ou projeto novo ou aprimorado, financiamento de um projeto relacionado à realização de um ou mais dos 17 ODS, ou abordando a natureza interligada da Agenda 2030 (UNITED NATIONS, s.d.). Assim, é possível se obter um banco de dados *on-line* de Ações de Aceleração dos ODS a fim de ajudar a inspirar e mobilizar ações em todo o mundo para promover a implementação dos objetivos (DESA, 2020).

2.2 SETOR DE TRIGO E DERIVADOS

O segmento de trigo e derivados compreende a fabricação de farinha de trigo – desde a moagem do trigo, à fabricação de sêmola e farelo de trigo, fabricação de outros derivados de trigo e a fabricação de farinhas e massas (em pó) mescladas e preparadas para a fabricação de pães, bolos, biscoitos, etc. (ECONODATA, 2020).

De acordo com este banco de dados, esse segmento é composto por 798 empresas distribuídas em 26 estados brasileiros, conforme mostra a Figura 1.

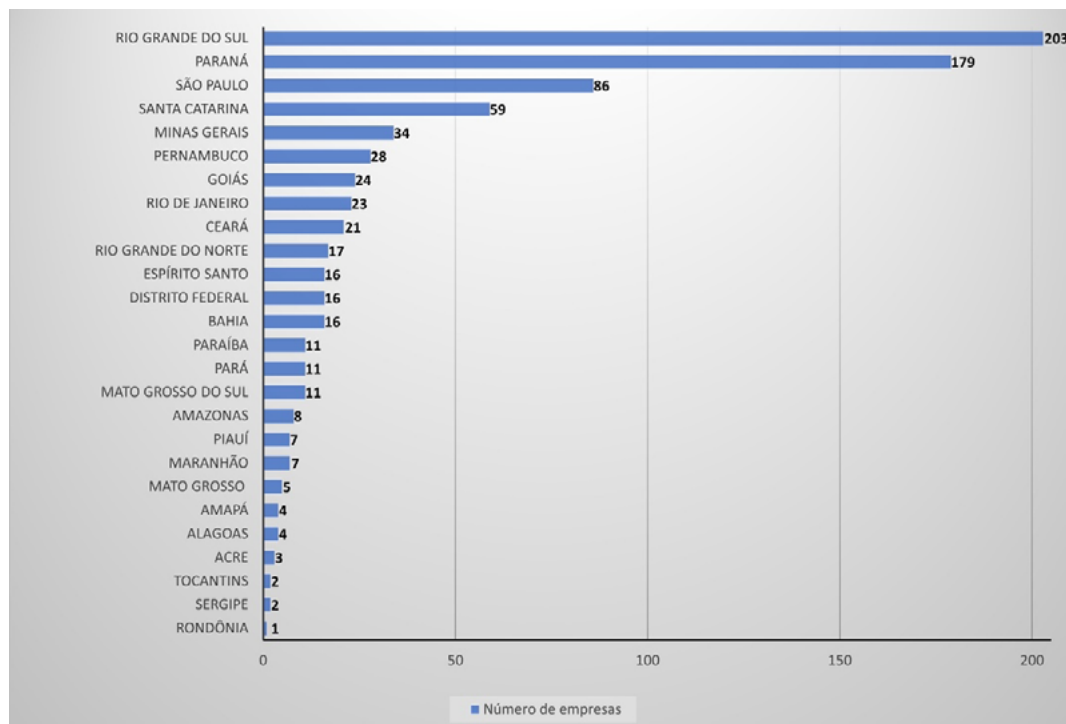


Figura 1 | Distribuição das empresas do segmento de trigo e derivados no Brasil.

Fonte: Elaboração própria.

A cadeia produtiva do trigo pode ser classificada como uma produção em macros segmentos, complexa e com uma grande quantidade de elos produtivos (FIEP, 2016; SIDONIO et al., 2013). Designada Cadeia Agroindustrial ou Complexo Agroindustrial (CAI), conta com três indústrias de transformação, além do comércio varejista, atacadista e consumidores, e sua produção agrícola.

As indústrias de primeira transformação são aquelas que trabalham para gerar como produto final as farinhas, misturas e farelo. Já as de segunda transformação são aquelas que recebem a farinha e a transformam em massas, biscoitos, pães, derivados não alimentícios, etc.; e as de terceira transformação são as que produzem as pizzas, pratos prontos para o consumo ou conveniência, entre outros. (MORI; IGNACZAK, 2011).

De acordo com pesquisas realizadas pela Associação Brasileira da Indústria do Trigo (Abitrigo), a cadeia produtiva do trigo gerou um volume de renda (PIB) para a sociedade brasileira de 25,3 bilhões em 2016, sendo que, desse total, 55,7% foi gerado pela cadeia de serviços ligados ao trigo, 22,4% pela cadeia da agroindústria (moinhos), 16,5% pela agropecuária e o restante pela cadeia de insumos. Já no caso de geração de empregos, em levantamento realizado pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad), no segundo trimestre de 2017, a agroindústria contribuiu com a maior oferta (58%), seguida pela agropecuária (33,9%), serviços e, por último, a produção de insumos (IBGE, 2017).

No ano de 2019, a safra de grão de trigo no Brasil foi de 5.155 toneladas, a produtividade foi de 2.526 toneladas/ha e a área cultivada em torno de 2.040 ha (CONAB, 2020). Nesse mesmo ano, a importação do grão ocupou a 29ª colocação no ranking dos principais produtos importados pelo Brasil (4º lugar no ranking dos produtos básicos), sendo importadas cerca de 4 milhões de toneladas para atender ao consumo de trigo no Brasil, que, pela Abitrigo (2020), seria de 11 milhões de toneladas (FAZCOMEX, 2020).

No caso dos derivados do trigo, em 2018 foram produzidas 9,5 mil toneladas, gerando com a sua venda um montante de cerca de 59 bilhões de reais (ABIA, 2018; ABITRIGO, 2018), distribuídos da seguinte forma: 55% foram devido à venda de produtos de panificação, 16% devido à venda de massas em geral, 10% de biscoito e 19% de consumo doméstico de farinha de trigo (CUNHA, 2017). Para esses produtos, os processos de inovação, nos dias de hoje, têm um foco diferente dos produtos gerados na cadeia de primeiro processamento do trigo, já mencionado. Pode-se dizer que, no caso dos derivados, o motivo que leva as empresas à inovação de seus produtos está mais ligado à garantia da segurança dos alimentos, da qualidade nutricional e o fornecimento de uma nova geração de alimentos que atenda à demanda dos consumidores por conveniência, variedade e qualidade (MARTÍNEZ-MONZÓ et al., 2013).

De acordo com a Federação das Indústrias do Estado do Paraná – Fiep (2016), entre as empresas que compõem a cadeia de suprimento de trigo (cadeia de transformação), 60% possuem uma cultura inovadora, já nas 40% restantes a inovação é estimulada pela demanda. Ainda, de acordo com a Fiep (2016), a inovação que persiste nessa cadeia de suprimentos ocorre no processo produtivo, ou seja, tecnologias utilizadas para melhora de monitoramento e rendimento das plantações.

Segundo Corte e Waquil (2015), levando-se em conta as indústrias de derivados do trigo (cadeia de segundo processamento), a maioria delas (55%) não desenvolveu ou implantou inovações no ano de 2015, pois considerava que o custo referente ao processo inovativo era alto. Já em 45% das empresas restantes, como apontam os mesmos autores, as inovações em produto são mais recorrentes do que em processos, assim como as inovações incrementais e radicais.

De acordo com a Embrapa (2018), de forma geral, as inovações no segmento do trigo ocorrem: 45,30% em genética, 30,30% em transferência de tecnologia, 7,20% em manejo, 6,10% em pós-colheita, 1,70% em proteção, 1,10% em processos, 1,10% em produtos e 0,60% em serviços. Dessa forma, pode-se dizer que cerca de 83% das inovações estão mais ligadas às práticas de otimização dos cultivos, que acabam gerando implicações positivas para a sustentabilidade.

3 METODOLOGIA – MÉTODO SURVEY

3.1 PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Para atingir os objetivos do presente trabalho, utilizou-se a pesquisa quantitativa do tipo *Survey* composta por duas etapas: uma pesquisa exploratória e outra pesquisa conclusiva.

A etapa exploratória permitiu uma maior familiaridade entre o pesquisador e o tema pesquisado (GIL, 2008). Essa etapa não necessitou de procedimentos de amostragem e nem de técnicas quantitativas de coleta de dados, pois ao mesmo tempo em que se pretendia descrever a situação da população-alvo, buscava-se mais informações sobre o contexto desta mediante levantamento bibliográfico e entrevistas com pessoas experientes no problema (COOPER; SCHINDLER, 2003).

A etapa conclusiva, por sua vez, constituiu-se de pesquisa nas empresas que fazem parte do segmento do trigo e derivados do Brasil, com a aplicação de mais de 157 questionários (um para cada empresa).

Isso porque, de acordo com Gil (2008), é possível conseguir descrever as características de uma determinada população ou fenômeno por meio da utilização de técnicas, como questionários e observações sistemáticas.

Dessa forma, foi possível identificar qual o estágio de implementação dos 17 ODS na CAI do trigo, quais são algumas das motivações e dificuldades encontradas por essas empresas para aprimorar-se no desenvolvimento sustentável.

3.2 AMOSTRA E INSTRUMENTO DE PESQUISA

A população da pesquisa foram empresas que compõem a cadeia agroindustrial do trigo. No total, a amostra foi composta por 91 empresas (cerca de 58% do total de questionários enviados) e pode-se dizer que a amostragem foi do tipo aleatória, pois a seleção das empresas foi feita de forma que cada membro da população tinha a mesma probabilidade de ser escolhido (MARCONI; LAKATOS, 1996). Como estratégia de entrada de campo, foi utilizado o correio eletrônico (e-mail) para envio dos instrumentos de coleta de dados, como, também, entrevistas via contato telefônico. Foram coletadas informações dos gestores de área, gestores de qualidade de produto e processo e gestores da área de sustentabilidade. A coleta dos dados ocorreu durante o período compreendido entre 09 de dezembro de 2019 e 12 de maio de 2020.

Como instrumento de coleta de dados, foi utilizado um questionário semiestruturado, contendo perguntas dicotômicas, tricotômicas, de múltipla escolha, escalar (escala Likert de 5 pontos) e numéricas, perguntas abertas e campo para observações. Esse questionário é composto por 17 perguntas, sendo dividido em duas partes: a primeira utilizada para descrever a empresa respondente; a segunda para verificar quais as práticas voltadas para a Agenda 2030 e os ODS que a empresa praticava.

Após a elaboração e aquisição das respostas do formulário, foi desenvolvido o banco de dados no *software* estatístico *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS 17.0) para aferir todas as análises estatísticas. Para as análises descritivas, foram utilizadas medidas de proporção e frequências e posteriormente gráficos para melhor visualização dos resultados. Em complemento, utilizaram-se técnicas estatísticas não paramétricas, sendo que, de acordo com Siebert e Siebert (2017), a escolha de métodos não paramétricos traz a vantagem de, além de outras coisas, poder ser aplicados utilizando dados nominais e ordinais, não ficando dependentes apenas das variáveis de intervalo e razão (SIEBERT; SIEBERT, 2017).

Quanto à intenção de determinar se havia diferenças estatisticamente significativas entre três grupos de uma variável independente em uma variável dependente contínua ou ordinal, foi utilizado o teste H de Kruskal-Wallis (K-W), ou para dois grupos de uma variável independente o teste de U Mann-Whitney. Havendo diferença estatisticamente significativa entre as médias, foi realizado o teste de Bonferron (teste *post hoc*) para fazer as múltiplas comparações. Nessas análises, o porte das empresas foi considerado como variável dependente e as demais variáveis, independentes. Foi também utilizado o coeficiente de correlação de Spearman para identificar a correlação entre duas variáveis ordinais, no caso, a correlação existente entre as motivações e dificuldades encontradas pelas empresas em relação à implementação da Agenda 2030 e seus respectivos ODS.

4 ANÁLISE E TRATAMENTO DE DADOS

4.1 PERFIL GERAL DOS RESPONDENTES

No total foram tabulados 91 questionários, sendo que 53,3% das empresas respondentes pertenciam à parte da CAI responsável pela produção agrícola do grão de trigo, 48,9% pertenciam à indústria

de primeira transformação (produção do grão de trigo em farinhas) e 97,8% pertenciam à indústria de segunda transformação (desta porcentagem, 30,0% da produção de massas, 32,2% da produção de pães e/ou bolos e 35,6% da produção de biscoitos e/ou bolachas). Nota-se que esses valores, se somados, computam mais de 100%. Isso ocorre porque, na maioria das vezes, as empresas que pertencem ao segmento do trigo e derivados não participam somente da agroindústria ou indústria de transformação, ou seja, são empresas integradas verticalmente, que atuam em mais de um elo da cadeia ao mesmo tempo.

Na amostra adquirida pelos questionários, apenas 16 (17,6%) das 91 empresas pertencem exclusivamente ao setor da agroindústria; no caso da indústria de transformação, apenas 6 pertencem somente à produção de farinhas, enquanto 4 restringem-se à produção de massas, 3 à produção somente de pães e/ou bolos e 4 somente fabricam biscoitos e/ou bolachas. Isso quer dizer que 63,8% da amostra pertence a mais de um estágio de transformação da CAI do trigo, o que acabou dificultando a realização da análise estatística por elos da cadeia produtiva.

Em relação ao porte das empresas respondentes, 52,7% eram de grande porte, 35,2% de médio porte e 12,1% de pequeno porte. O critério adotado para a classificação de porte foi o do Sebrae (2010), que leva em conta o número de funcionários que a empresa possui em seu quadro funcional. Dessas empresas, a maior parte estava situada em São Paulo (SP), seguida do Paraná (PR) e Rio Grande do Sul (RS) (Figura 2), sendo estes considerados os maiores polos industriais do trigo (FIEP, 2016).

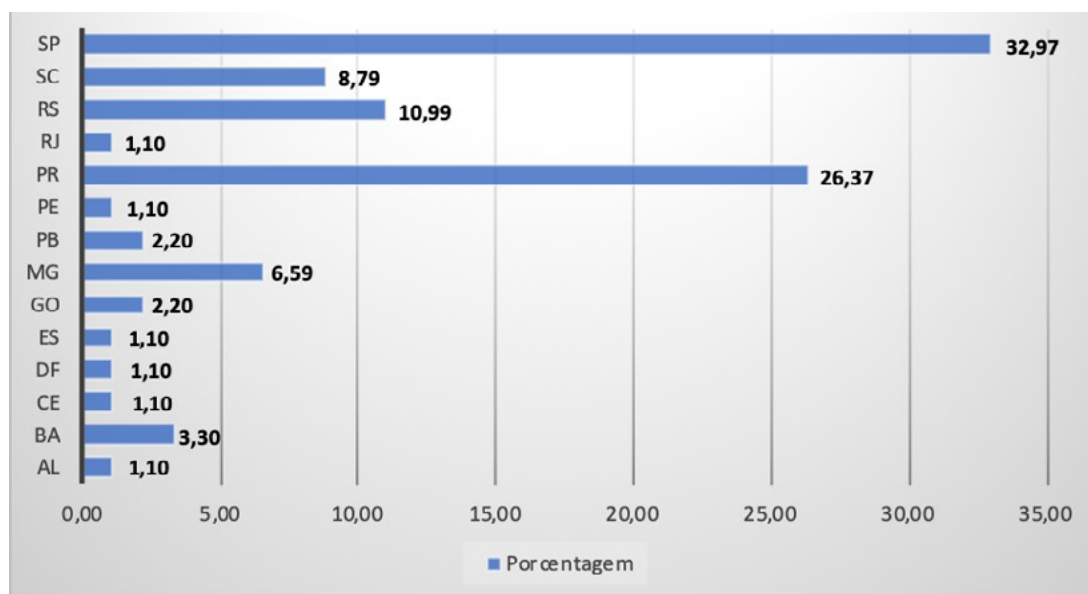


Figura 2 | Distribuição da amostra em relação aos estados brasileiros.

Fonte: Elaboração própria.

4.1.1 RELAÇÃO DOS RESPONDENTES COM A AGENDA 2030 E OS ODS

A primeira questão discutida nas empresas foi o nível de familiaridade com a Agenda 2030 e seus 17 ODS, abordada por meio de uma escala Likert de 5 pontos (1 – Nada familiarizado; 2 – Ligeiramente familiarizado; 3 – Um pouco familiar; 4 – Moderadamente familiarizado e 5 – Extremamente familiar). A Figura 3 mostra a porcentagem das respostas das 91 empresas.

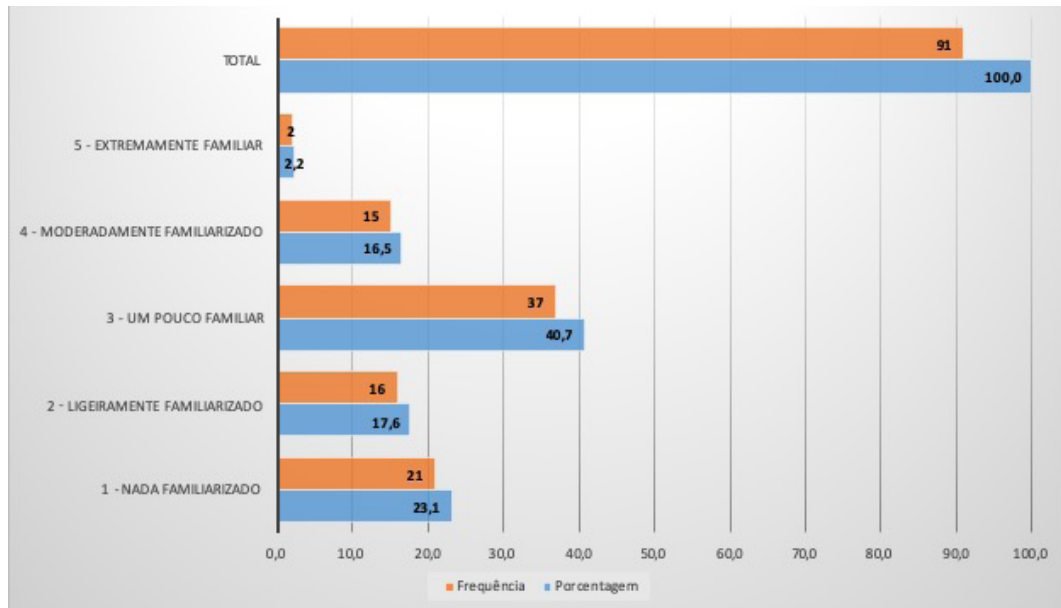


Figura 3 | Porcentagem e frequência de distribuição de conhecimento sobre a Agenda 2030 e os 17 ODS das empresas respondentes.

Fonte: Elaboração própria.

Esses dados, quando tratados estatisticamente pelo teste de K-W e comparados aos pares pela análise da Anova Post hoc – correção de Bonferroni, mostraram que existe efeito do porte das empresas sobre o conhecimento da Agenda 2030 e 17 ODS [$X^2(2) = 18,534$; $p < 0,05$]. Dessa forma, pode-se dizer que há diferença estatisticamente significativa ($p < 0,05$) entre o conhecimento das pequenas empresas sobre esse assunto quando comparado com as empresas de médio e grande porte, porém, essa diferença já não é observada quando se trata da comparação entre as de médio e grande porte.

As porcentagens de respostas por porte das empresas podem ser verificadas na Figura 4, na qual é possível identificar que a maior parte das pequenas empresas não tem familiaridade nenhuma com a Agenda e seus objetivos. Já no caso das médias e grandes empresas, após análise estatística, pode-se dizer que a grande proporção de empresas se encontra no nível intermediário (pouca familiaridade) em relação a esse conhecimento.

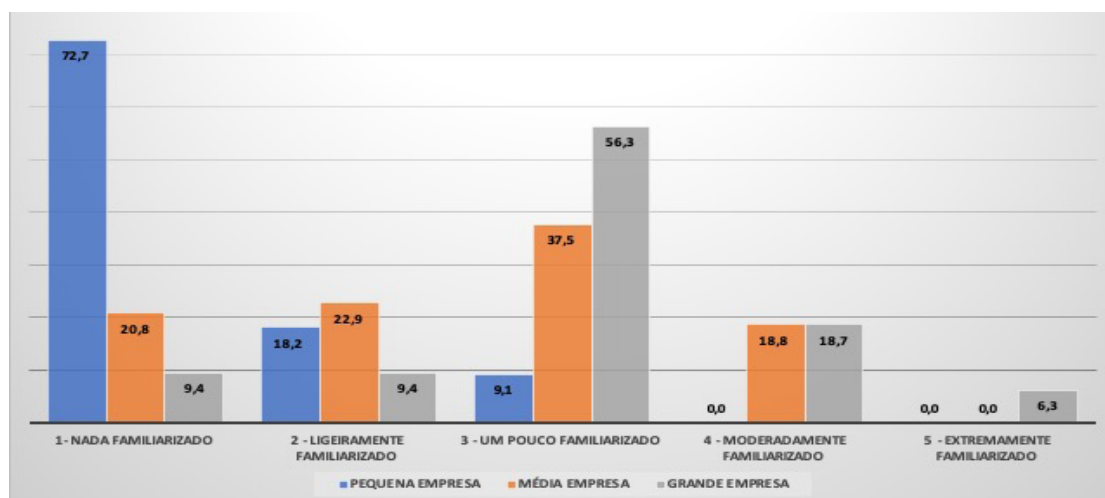


Figura 4 | Porcentagem de respostas sobre o conhecimento da Agenda 2030 e 17 ODS em relação aos portes das empresas respondentes.

Fonte: Elaboração própria.

Para a amostra aqui estudada, podemos dizer que 57,1% das empresas respondentes já utilizam a Agenda e seus objetivos nas práticas empresariais e 39,6% ainda não, porém, pretendem utilizá-la nos próximos anos (Figura 5).

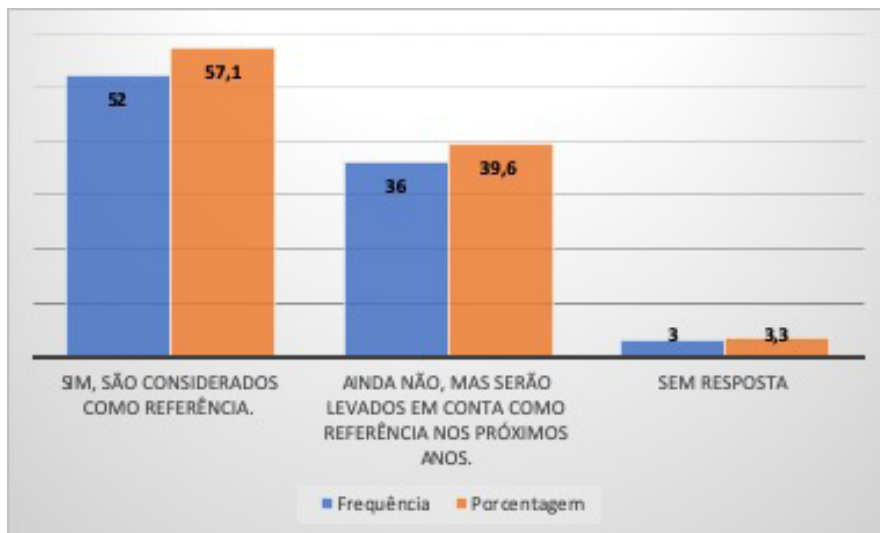


Figura 5 | Frequência e porcentagem de empresas que utilizam os ODS nas práticas empresariais.

Fonte: Elaboração própria.

Vale salientar que 3,3% não responderam à questão e que são as mesmas empresas que disseram ter pouco conhecimento sobre a Agenda e seus objetivos. Àquelas empresas que responderam que consideram a Agenda como referência para intensificar suas práticas de desenvolvimento sustentável, foi solicitado que indicassem como verificam a relação direta e relevante entre suas práticas empresariais e os ODS. A resposta a este questionamento poderia ser dada de três formas diferentes: 1 – Análise qualitativa das implicações e impactos das práticas empresariais consideradas, em relação ao conjunto dos ODS; 2 – Priorização dos ODS mais relevantes para seus negócios em função de uma análise de materialidade (investimentos e gestão de externalidades, riscos e oportunidades), capturando onde estão os impactos positivos e negativos mais relevantes de seus negócios e 3 – Outro método.

Como pode ser verificado na Figura 6, nenhuma das empresas respondeu que utilizaria outro método, sendo que todas as respostas se dividiram entre os itens 1 e 2.

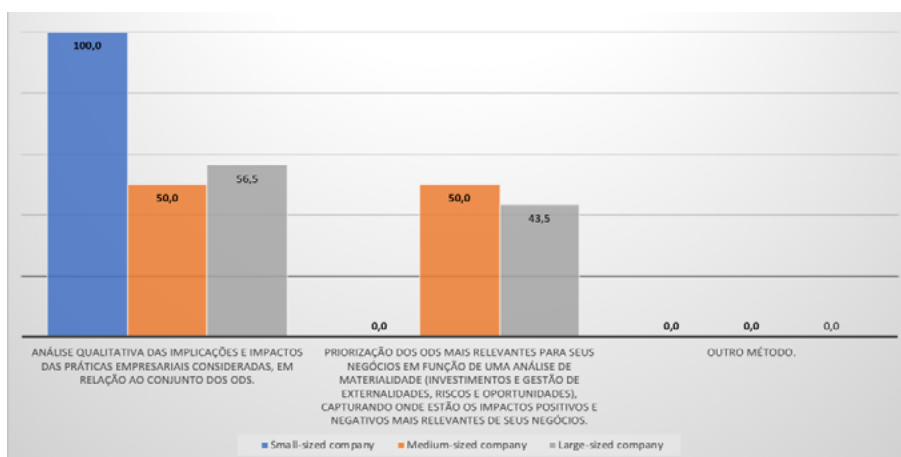


Figura 6 | Porcentagens de respostas sobre a forma como identificam a relação direta e relevante entre suas práticas empresariais e os ODS em relação ao porte.

Fonte: Elaboração própria.

Entre a amostra de pequenas empresas deste estudo, apenas uma delas faz uso da Agenda 2030 e os ODS, por isso a porcentagem no gráfico se dá em 100%. Essa empresa verifica se a implementação da Agenda 2030 vem auxiliando ou não as suas práticas empresariais por meio da análise de impactos e implicações, sem a priorização de algum ODS. No caso das médias e grandes empresas, há praticamente uma divisão de 50% da amostra que verifica a influência da implementação da Agenda 2030 da mesma forma que a pequena empresa, porém, a outra parcela dessas empresas prefere primeiro priorizar os ODS mais relevantes para depois analisar suas influências (positivas ou negativas) nas práticas empresariais.

4.1.2 ANÁLISE DOS OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL (ODS)

Para as empresas respondentes, a Tabela 1 mostra quais dos 17 ODS estão em análise, quais estão em implementação, quais já foram implementados, quais serão implementados e quais ficaram sem resposta quando as empresas foram questionadas. Nesse caso, a análise foi realizada separando as empresas por porte, como na análise anterior.

Foi considerado para as empresas como ODS já implementados aqueles em que as metas e seus indicadores utilizados não precisariam mais sofrer alteração, já que demonstram evidências claras na evolução do cumprimento da Agenda 2030 e seus objetivos, e, em implementação, aqueles ODS em que a meta e/ou indicador ainda poderiam ser melhorados, readaptados ou modificados para o mesmo propósito.

No caso daquelas que não souberam responder a posição em que o ODS recebia dentro de sua empresa, foi especificado pelo respondente que sentia dificuldade em enxergar o respectivo ODS nas práticas empresariais atuais, sendo computado no questionário “sem resposta”. Dessa forma, para o ODS 1, 5 e 16, todas as respostas puderam ser computadas; para os ODS 2, 4, 6, 8, 9, 10, 11, 12, 14 e 17, a porcentagem de empresas não respondentes foi de 1,9%; para os ODS 7 e 15, a porcentagem foi de 3,8%, enquanto para os ODS 3 e 13 foi de 5,8%.

Diante dos dados da Tabela 1, pode-se dizer que 10,1% dos ODS estão sendo analisados, 46,8% estão em fase de implementação, 38,4% já foram implementados e 4,8% não serão implementados.

Dividindo as respostas de porcentagens da Tabela 1 em 4 partes (1 – em análise, 2 – em implementação, 3 – já implementado e 4 – não será implementado), podemos dizer que para as empresas de pequeno porte da amostra inicial, como apenas uma delas fez a implementação da Agenda 2030 e os ODS, a maioria dos ODS apresentam a porcentagem de 100%. Em relação a essa empresa, pela Tabela 1, é possível dizer que um pouco mais da metade dos ODS está em processo de implementação (53%), em análise estão 12%, já implementados são 29% e apenas um dos 17 ODS a empresa já sabe que não irá implementar (ODS 14). Vale chamar atenção para o fato de que esse ODS especificado pela empresa de pequeno porte também é classificado da mesma forma pelas empresas de médio e grande porte.

Para analisar melhor a Tabela 1, foi aplicado o teste estatístico U Mann-Whitney para duas amostras independentes, a fim de analisar se para cada ODS é possível dizer que existe diferença significativa ($p < 0,05$) entre os resultados das empresas de grande e médio porte. Esse fato não foi observado, ou seja, a forma como essas empresas estão tratando os ODS é semelhante.

Tabela 1 | Porcentagem de aplicação dos ODS dentro das empresas do setor de trigo e derivados de pequeno, médio e grande porte

	Pequena empresa	Média empresa	Grande empresa	Pequena empresa	Média empresa	Grande empresa	Pequena empresa	Média empresa	Grande empresa	Pequena empresa	Média empresa	Grande empresa	Pequena empresa	Média empresa	Grande empresa
ODS	Em análise			Em implementação			Já implementado			NÃO será implementado			Sem resposta		
ODS 1	100,0	25,0	26,1	0,0	67,9	39,1	0,0	7,1	26,1	0,0	0,0	8,7	0,0	0,0	0,0
ODS 2	100,0	21,4	21,7	0,0	67,9	43,5	0,0	7,1	26,1	0,0	0,0	8,7	0,0	3,6	0,0
ODS 3	0,0	0,0	0,0	100,0	32,1	39,1	0,0	64,3	52,2	0,0	0,0	0,0	0,0	3,6	8,7
ODS 4	0,0	10,7	4,3	100,0	64,3	65,7	0,0	21,4	30,4	0,0	0,0	0,0	0,0	3,6	0,0
ODS 5	0,0	3,6	4,3	100,0	39,3	39,1	0,0	57,1	56,5	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
ODS 6	0,0	0,0	4,3	0,0	17,9	34,8	100,0	78,6	60,9	0,0	0,0	0,0	0,0	3,6	0,0
ODS 7	0,0	0,0	4,3	0,0	35,7	30,4	100,0	60,7	52,2	0,0	0,0	8,7	0,0	3,6	4,3
ODS 8	0,0	0,0	0,0	100,0	53,6	56,5	0,0	42,9	43,5	0,0	0,0	0,0	0,0	3,6	0,0
ODS 9	0,0	3,6	4,3	0,0	64,3	47,8	100,0	28,6	47,8	0,0	0,0	0,0	0,0	3,6	0,0
ODS 10	0,0	14,3	4,3	0,0	50,0	47,8	100,0	32,1	47,8	0,0	0,0	0,0	0,0	3,6	0,0
ODS 11	0,0	7,1	13,0	100,0	53,6	47,8	0,0	35,7	34,8	0,0	0,0	4,3	0,0	3,6	0,0
ODS 12	0,0	3,6	0,0	0,0	14,3	13,0	100,0	78,6	87,0	0,0	0,0	0,0	0,0	3,6	0,0
ODS 13	0,0	28,6	21,7	100,0	42,9	52,2	0,0	17,9	21,7	0,0	3,6	0,0	0,0	7,1	4,3
ODS 14	0,0	28,6	30,4	0,0	10,7	0,0	0,0	3,6	4,3	100,0	57,1	65,2	0,0	0,0	0,0
ODS 15	0,0	3,6	13,0	100,0	64,3	69,6	0,0	25,0	13,0	0,0	3,6	0,0	0,0	3,6	4,3
ODS 16	0,0	17,9	4,3	100,0	64,3	73,9	0,0	17,9	21,7	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
ODS 17	0,0	3,6	13,0	100,0	64,3	39,1	0,0	28,6	47,8	0,0	0,0	0,0	0,0	3,6	0,0

Fonte: Elaboração própria.

De acordo com Moretti (2019), em entrevista dada à revista “Avicultura Industrial”, o Brasil, em se tratando dos 17 ODS, é o que conseguiria contribuir mais, inclusive para a erradicação da pobreza (ODS 1) e da fome no mundo (ODS 2), já que tem evoluído bastante nas questões agroindustriais, deixando, de uns cinco anos para cá, de ser um importador líquido para ser um grande produtor de alimentos. Pelos resultados apresentados, pode-se verificar que são dois ODS que as empresas pretendem incluir nas suas práticas empresariais e que, no caso das empresas de médio e grande porte, apresentam alta porcentagem da fase de implementação.

Em relação aos ODS já implementados, três deles podem ser destacados: ODS 3, ODS 6 e ODS 12 concomitantemente nos diferentes portes de empresas. Por meio das ações empresariais, pôde-se perceber que esses três objetivos estão presentes tanto em ações no campo quanto dentro da indústria. As ações incluem: redução do teor de sal em 75% dos produtos, aumento da produtividade média das culturas sem usar mais terra, água ou insumos, redução de 50% da quantidade de água usada na aplicação de agroquímicos, diminuição da emissão de substâncias orgânicas na água, operações de sementes com zero emissões, utilização de fontes de energia renováveis, 100% de colheita mecanizada, melhoria da fertilidade de hectares (LOPES et al., 2016).

Como dito, os objetivos possuem uma interdependência e, por esse motivo, as ações focadas em um deles podem conseguir progresso em outros. Dessa forma, na Tabela 1, é possível perceber que ODS relacionados encontram-se na mesma posição de ação. Por exemplo: os ODS 2, 3 e 12, em resumo, têm o princípio de promover segurança alimentar, saúde e nutrição. Dois deles têm porcentagem alta de implementação e um deles apresenta alta porcentagem de implementação. Outro exemplo poderia ser os objetivos 1, 2, 9 e 17 (têm o princípio de promover compartilhamento de conhecimento e novas tecnologias) que têm porcentagens altas na fase de implementação, na Tabela 1.

No caso do objetivo 8, que foi observado como o objetivo de maior relevância para 95% das empresas que participaram do relatório de Integração dos ODS na Estratégia empresarial do Pacto Global Brasil (2017) e por ser um ODS que representa a ação empresarial, incluindo conceitos como geração de renda e oferta de emprego decente, não chega a ser uma surpresa o fato de estar em implementação ou já implementado, inclusive quando tratamos das ações voltadas à agricultura familiar.

Ainda, dessas empresas, pode-se dizer que, de acordo com as respostas recebidas, 87% já identificaram qual o ODS ou quais os ODS são mais importantes. Entende-se como ODS importante aquele que a empresa tem mais facilidade para incorporar nas suas práticas, aquele que conseguiria alavancar o nível de sustentabilidade empresarial, aquele que ajudaria a melhorar a marca da empresa no mercado, aquele que vai ao encontro de suas práticas empresariais, etc. Entre as respostas coletadas, a Figura 7 traz a porcentagem dos que se destacaram de forma positiva e negativa.

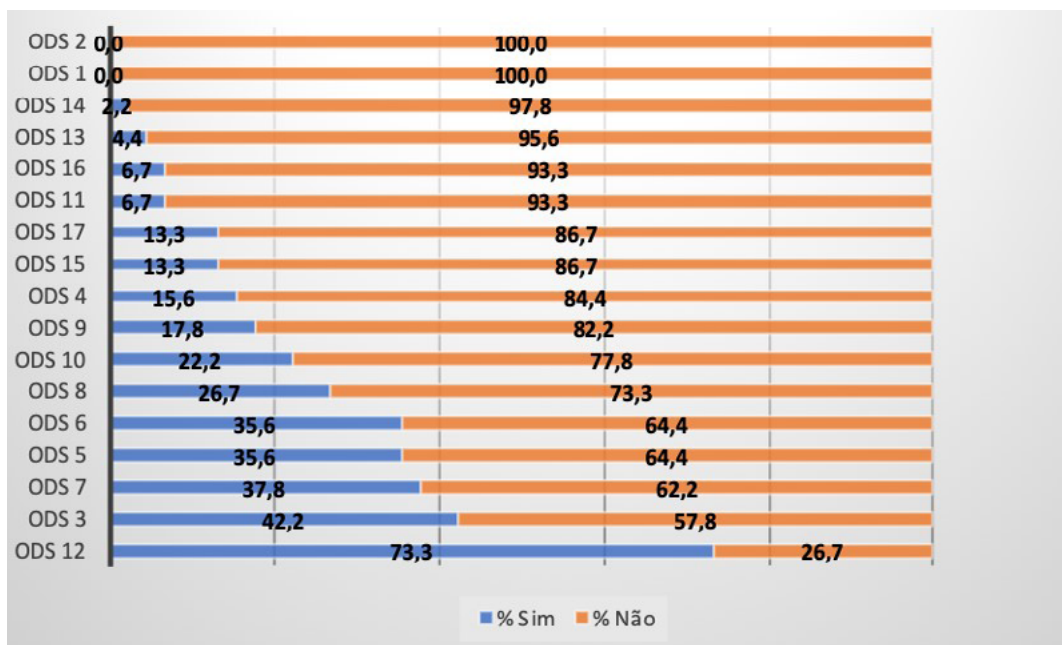


Figura 7 | ODS considerados mais importantes para as empresas respondentes.

Fonte: Elaboração própria.

Nos objetivos destacados, tem-se o ODS 12, que foi considerado por 73,3% das empresas como o mais importante. Fazendo uma comparação com a Tabela 1, além desse objetivo ser considerado de grande importância, é também o objetivo que tem a maior porcentagem de implementação.

Corroborando esses dados, Kalinke (2020) ressalta que, para a iniciativa privada, apesar de todos os objetivos estarem interconectados, três ODS se destacam pelas suas características diretamente voltadas e influenciadoras dos índices qualitativos e quantitativos do setor de bens e serviços, sendo eles: ODS 8, ODS 9 e ODS 12.

Por meio dos relatórios anuais (2018 e 2019) publicados na internet, das empresas que fazem parte do CAI do trigo foi possível verificar quais são alguns dos projetos que estão sendo colocados em prática para alcançar os diferentes ODS (Tabela 2).

Tabela 2 | Ações adotadas pelas empresas do segmento do trigo e derivados para alcançar êxito nos diferentes ODS da Agenda 2030.

ODS	Algumas ações
	Projetos com incentivo fiscal, com impacto em empregabilidade, inclusão social e cidadania; Parceria com escolas para estimular a empregabilidade e combater a pobreza em região de vulnerabilidade social; Hortas urbanas cooperativistas – sem uso de pesticidas; Financiamento para mecanização agrícola e Ações públicas de segurança biológica.

ODS

Algumas ações



Identificação de fornecedores-membros da Iniciativa da Agricultura Sustentável (SAI); Previsão na análise de dados agrônômicos; Doação de produtos; Utilização de práticas sustentáveis na agricultura; Plano de segurança alimentar; Sistemas HACCP; Campanhas solidárias; Doação de insumos para correção de solo e Boas práticas na Fazenda.



Colaboradores participam de programas que estimulam um estilo de vida mais saudável; Adesão à campanha de vacinação; Programa de incentivo e reconhecimento; Ações preventivas de saúde bucal; Vale-alimentação; Convênio médico de qualidade; parcerias com farmácias; Pesquisa de engajamento – ouvir o colaborador; Programas acidente zero; Cipa e Plano anual de treinamento.



Parcerias com instituições de ensino superior, como, também, escola de idiomas; Colaboradores voluntários ministrando aulas para instituições apoiadas pela empresa; Programas de desenvolvimento para melhoria de competências e Capacitação para técnicos das cooperativas. Cursos proporcionaram conhecimento e prática sobre alimentação saudável e nutritiva, com impacto na segurança alimentar e nutricional das famílias.



Integrar mulheres na agricultura familiar e Qualificação das mulheres para a fabricação de produtos à base de trigo para serem comercializados no mercado local ou ofertados na merenda escolar, agregando valor e renda aos produtos da agricultura familiar.



Gestão de recursos para redução de uso de água; Investimento no sistema de tratamento de efluentes e Programa de utilização racional de água.



Projetos de redução do uso de energia; Eficiência energética; Redução de poluentes e Utilização de biogás, fotovoltaica e/ou eólica.







Parcerias; Programas de desenvolvimento da liderança, educação continuada e treinamentos técnicos. Benefícios aos funcionários. Ajuda e orientação pessoal aos familiares e colaboradores.



Programa de seleção e aceleração de Startup; Compromisso de eliminar o desflorestamento das cadeias de suprimentos de grãos; Aumento da rastreabilidade dos produtos; Aquisição de certificações, como Proterra e Certificação Internacional de Sustentabilidade e Carbono – ISCC; Realizar a gestão de seus resíduos; Hackathons e Rally do conhecimento voltados para a inovação de forma sustentável e Produção de commodities.



Participação no programa “Dê a Mão para o Futuro”; Doações a ONGs e Inclusão de colaboradores com deficiência.

ODS	Algumas ações
	—
	Projetos para redução de sódio e açúcar nos produtos; Projetos de embalagens sustentáveis; Prezar por fornecedores com agricultura sustentável; Uso de logística reversa; Melhores práticas de manejo e redução de impactos ambientais; Trabalho com as máquinas de forma remota; Agricultura de precisão; Monitoramento de frota; Pesquisa junto a instituições renomadas; Interatividade com os parceiros de negócios; Relatório de sustentabilidade; Lean Manufacturing; Programa de respostas rápidas a problemas ambientais (Resíduos de classe 1 e 2); Manejo associado a uma eficiente gestão ambiental, que contemplou a adoção de Boas Práticas de Manejo (BPMs) e Programa de inovação na agricultura familiar.
	Projetos de análise de materialidade da mudança climática no negócio; Gestão de emissões de GEE baseada no Programa Brasileiro GHG Protocol.
	Evento para limpeza de rios e praias e Plantio direto.
	Ações conservacionistas para a mitigação de impactos ambientais; Uso racional de recursos naturais; Plantio direto; Reflorestamento; Recuperação física do solo e Doação de mudas para cooperados.
	Adoção de Programas de <i>Compliance</i> ; Programas de Desenvolvimento de Gestão das Cooperativas; Uso de normas e aquisição de certificações, como ISO9001, ISSO 14001, ISSO 45001, AS 8000 e HACCP, IFS FOOD, SELO SEEDCARE SYNGENT e FSSC 22000C; Feiras e eventos voltados para a agricultura e produção sustentável; e Licenciamento ambiental.
	Marketing cooperativo

Fonte: Elaboração própria.

4.1.3 DIFICULDADES E MOTIVAÇÕES PARA IMPLEMENTAR A AGENDA 2030 E SEUS ODS

As empresas que utilizavam a Agenda 2030 foram questionadas quanto à motivação e às dificuldades que encontravam para trabalhar com os ODS. Para a questão que relacionava a motivação das empresas, a escolha das respostas era feita por meio de uma escala Likert de 5 pontos, em que: 1 – Sem motivação; 2 – Um pouco motivado; 3 – Moderadamente motivado; 4 – Muito motivado e 5 - Extremamente motivado (%). Foram abordadas questões ligadas à sustentabilidade, estratégia da empresa e relação com *stakeholders*. A Tabela 3 traz a porcentagem de respostas em relação a cada item questionado.

Para a questão que abordava as dificuldades que as empresas encontravam em integrar os ODS, foram questionados oito pontos diferentes que abordavam mais a estratégia da empresa e avaliação de impactos ambientais do que sua relação com os *Stakeholders*. Para essas questões, também foi utilizada uma escala Likert de 5 pontos, em que: 1 – Sem dificuldade; 2 – Um pouco de dificuldade; 3 – Dificuldade moderada; 4 – Muita dificuldade e 5 – Dificuldade extrema. Os resultados também são expressos na Tabela 3.

Tabela 3 | Porcentagem de respostas em relação à motivação e às dificuldades em integrar os ODS às práticas industriais na CAI do trigo.

Motivações	Sem motivação (%)	Um pouco motivado (%)	Moderadamente motivado (%)	Muito motivado (%)	Extremamente motivado (%)	Dificuldades	Sem dificuldade (%)	Um pouco de dificuldade (%)	Dificuldade moderada (%)	Muita dificuldade (%)	Dificuldade extrema (%)	Sem resposta (%)
Investir em um ambiente propício de negócio.	Sem	0,0	9,6	38,5	51,9	Estabelecer parcerias para avançar na proposta dos ODS.	0,0	36,5	40,4	19,2	3,8	0,0
Fortalecer as relações com os stakeholders (internos e externos) e manter o ritmo com os desenvolvimentos da política.	0,0	0,0	5,8	38,5	55,8	Identificar oportunidades relacionadas aos ODS.	17,3	67,3	9,6	3,8	1,9	0,0
Valorizar a sustentabilidade corporativa.	0,0	0,0	1,9	21,2	76,9	Definir indicadores para atividades relacionadas aos ODS.	25,0	65,4	5,8	1,9	0,0	1,9
Identificar a oportunidade de negócios futuros.	0,0	0,0	5,8	42,3	51,9	Definir as próprias metas em relação às metas estipuladas pelos ODS.	23,1	65,4	5,8	0,0	5,8	0,0
						Identificar os ODS relevantes para o negócio.	7,7	59,6	30,8	1,9	0,0	0,0
						Identificar e avaliar os impactos.	5,8	42,3	30,8	19,2	0,0	1,9
						Identificar a conexão das ações, dos projetos, e dos programas institucionais com os ODS.	3,8	67,3	25,0	3,8	0,0	0,0
						Desenvolver conhecimento técnico.	7,7	51,9	32,7	1,9	5,8	0,0

Fonte: Elaboração própria.

Em relação aos resultados de motivação que levam as empresas a utilizarem a Agenda 2030, 76,9% delas estão extremamente motivadas em utilizá-la para valorizar a sustentabilidade corporativa. Isso mostra que as empresas reconhecem o fato de que a implementação dos ODS nas práticas empresariais ajuda a alavancar o desenvolvimento sustentável, fato também observado na Figura 5.

Quanto às relações empresariais, como investir em um ambiente propício de negócio, fortalecer as relações com os *stakeholders* e identificar a oportunidade de negócios futuros, as porcentagens sobre o nível de motivação também permaneceram superiores no item de extrema motivação ficando em torno de 51% a 56% e a segunda porcentagem mais alta no item de muito motivado. As respostas

dadas a esses três questionamentos podem indicar que o atual e o futuro ambiente de negócios é um ambiente sustentável e que os *stakeholders* estão preferindo investir nesse tipo de empresa, ou seja, empresas que estão engajadas em práticas voltadas para o desenvolvimento sustentável, já que a motivação tem valores altos de porcentagem.

Em relação às dificuldades encontradas pelas empresas na implementação dos ODS, a Tabela 3 traz a informação de que elas não são muito grandes. Praticamente, para os itens investigados, as respostas ficaram retidas em nenhuma dificuldade, um pouco de dificuldade ou dificuldade moderada.

Das oito questões, quatro delas chamam mais atenção: identificar oportunidades relacionadas aos ODS, definir indicadores para as atividades relacionadas aos ODS, definir as próprias metas estipuladas pelos ODS e identificar conexões. São questionamentos e respostas interligados, pois a empresa só vai definir as metas e os indicadores para um determinado ODS quando verificar a possibilidade de incorporá-lo dentro de suas práticas, ou seja, quando verificar alguma vantagem em incorporá-lo.

Dessa forma, pode-se dizer que a maioria dos itens possui pelo menos uma correlação. Nos resultados da Tabela 4 (correlação entre as dificuldades e motivações questionadas), verifica-se que a maioria delas são correlações positivas e fracas. Isso quer dizer que quando uma correlação é dita positiva, a variável de estudo tem uma relação direta, ou seja, quando o valor de uma aumenta, o da outra também. Nas correlações negativas, a correlação é inversamente proporcional, ou seja, quando o valor de uma variável diminui, o da outra aumenta. Em relação à intensidade, de acordo com o coeficiente ρ de Spearman, valores entre 0 e 0,3 (ou 0 e -0,3) são desprezíveis; entre 0,31 e 0,5 (ou -0,31 e -0,5) são correlações fracas; entre 0,51 e 0,7 (ou -0,51 e -0,7) são moderadas; entre 0,71 e 0,9 (ou -0,71 e 0,9) são correlações fortes; e $> 0,9$ (ou $< -0,9$) são consideradas muito fortes (MUKAKA, 2012).

Das correlações significantes encontradas na Tabela 4 serão discutidas somente as moderadas. A primeira seria a Motivação 1 x Dificuldade 2, que tem uma correlação negativa ($\rho = -0,522$, $p < 0,01$), sendo que quando o grau de motivação em se investir em um ambiente propício de negócio aumenta, a dificuldade de identificar oportunidades relacionadas aos ODS diminui. Em poucas palavras, de acordo com Gómez e Castilho (2007), um ambiente propício de negócios é quando a empresa tem competência para integrar o aspecto social às questões econômicas e ambientais, ou seja, utiliza o conceito do tripé da sustentabilidade. Com isso, se a empresa entende os valores sustentáveis dentro do seu negócio, conseguirá enxergar de forma mais fácil onde estão as oportunidades voltadas para a implementação dos ODS.

Para a correlação entre as dificuldades 1 e 4, pode-se dizer que é uma correlação positiva, ou seja, as duas variáveis são diretamente proporcionais ($\rho = 0,561$, $p < 0,01$). As parcerias têm grande importância na sobrevivência das empresas atuais, sendo também uma estratégia para o crescimento, porém, para que tenham êxito é necessário se ter metas em comum e que consigam abranger o objetivo de todos dentro da parceria.

No caso da correlação entre a dificuldade 7 e dificuldade 8 ($\rho = 0,580$, $p < 0,01$), esta também é positiva seguindo a mesma teoria da correlação discutida anteriormente. Nesse caso, o fato de se ter conhecimento técnico ajuda a identificar as conexões dos projetos e programas institucionais diante dos ODS.

Tabela 4 | Correlação entre os itens motivacionais e de dificuldade.

Itens de Motivação e Dificuldade	ρ p-valor	MOTIVAÇÃO 1 - Investir em um ambiente propício de negócio.	MOTIVAÇÃO 2 - Fortalecer as relações com os Stakeholders (internos e externos) e manter o ritmo com os desenvolvimentos da política.	MOTIVAÇÃO 3 - Valorizar a sustentabilidade corporativa.	MOTIVAÇÃO 4 - Identificar a oportunidade de negócios futuros.	DIFICULDADE 1 - Estabelecer parcerias para avançar na proposta dos ODS.	DIFICULDADE 2 - Identificar oportunidades relacionadas aos ODS.	DIFICULDADE 3 - Definir indicadores para atividades relacionadas aos ODS.	DIFICULDADE 4 - Definir as próprias metas em relação às metas estipuladas pelos ODS.	DIFICULDADE 5 - Identificar os ODS relevantes para o negócio.	DIFICULDADE 6 - Identificar e avaliar os impactos.	DIFICULDADE 7 - Identificar a conexão das ações, dos projetos, e dos programas institucionais com os ODS.	DIFICULDADE 8 - Desenvolver conhecimento técnico.
MOTIVAÇÃO 1 - Investir em um ambiente propício de negócio.	Coefficiente de Correlação	1	,344*	,481**	,489**	-0,21	-,522**	-,309*	-,309*	-0,219	-0,065	-,341*	-,296*
	Sig. (2 extremidades)		0,012	0	0	0,129	0	0,026	0,024	0,116	0,648	0,013	0,031
MOTIVAÇÃO 2 - Fortalecer as relações com os Stakeholders (internos e externos) e manter o ritmo com os desenvolvimentos da política.	Coefficiente de Correlação		1	0,199	0,226	-0,24	-,307*	-,331*	-0,038	0,005	,299*	-0,034	0,062
	Sig. (2 extremidades)			0,153	0,103	0,08	0,025	0,016	0,785	0,973	0,031	0,808	0,657
MOTIVAÇÃO 3 - Valorizar a sustentabilidade corporativa.	Coefficiente de Correlação			1	,276*	-0,12	-0,25	-,341*	-0,231	-,341*	0,083	-0,203	-,305*
	Sig. (2 extremidades)				0,046	0,377	0,071	0,013	0,096	0,012	0,56	0,145	0,027
MOTIVAÇÃO 4 - Identificar a oportunidade de negócios futuros.	Coefficiente de Correlação				1	-0,27	-0,078	-0,204	-,361**	-,321*	-0,072	-,333*	-,478**
	Sig. (2 extremidades)					0,051	0,578	0,148	0,008	0,019	0,611	0,015	0
DIFICULDADE 1 - Estabelecer parcerias para avançar na proposta dos ODS.	Coefficiente de Correlação					1	-,374**	-,452**	-,561**	-,462**	,279*	0,24	-,395**
	Sig. (2 extremidades)						0,006	0,001	0	0	0,045	0,083	0,003
DIFICULDADE 2 - Identificar oportunidades relacionadas aos ODS.	Coefficiente de Correlação						1	,291*	,318*	0,254	0,163	-,442**	0,242
	Sig. (2 extremidades)							0,036	0,02	0,066	0,249	0,001	0,081
DIFICULDADE 3 - Definir indicadores para atividades relacionadas aos ODS.	Coefficiente de Correlação							1	-,487**	-,283*	0,102	0,256	0,127
	Sig. (2 extremidades)								0	0,042	0,476	0,067	0,371
DIFICULDADE 4 - Definir as próprias metas em relação às metas estipuladas pelos ODS.	Coefficiente de Correlação								1	-,377**	-,380**	-,292*	-,451**
	Sig. (2 extremidades)									0,005	0,005	0,034	0,001
DIFICULDADE 5 - Identificar os ODS relevantes para o negócio.	Coefficiente de Correlação									1	,274*	-,395**	-,427**
	Sig. (2 extremidades)										0,049	0,003	0,001
DIFICULDADE 6 - Identificar e avaliar os impactos.	Coefficiente de Correlação										1	-,340*	-,467**
	Sig. (2 extremidades)											0,014	0
DIFICULDADE 7 - Identificar a conexão das ações, dos projetos, e dos programas institucionais com os ODS.	Coefficiente de Correlação											1	-,580**
	Sig. (2 extremidades)												0
DIFICULDADE 8 - Desenvolver conhecimento técnico.	Coefficiente de Correlação												1
	Sig. (2 extremidades)												
Correlação fraca													
Correlação moderada													

Fonte: Elaboração própria.

* A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

** A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

*** Para a correlação de Spearman, um valor absoluto de 1,000 indica que os dados ordenados por postos são perfeitamente lineares.

5 CONCLUSÃO

A Global Compact (GC), em seu relatório “2019 Progress Report” (Relatório de Progresso de 2019), que contou com a participação de 1.584 empresas, representando 40 diferentes setores e 107 países, chegou à conclusão de que 59% dessas empresas consideram a Agenda 2030 uma agenda ambiciosa, porém, que serve de orientação para identificar problemas e nortear melhorias sociais e ambientais (UN GLOBAL COMPACT, 2019).

Essas porcentagens diminuem quando falamos de um número maior de empresas, como é o caso das pesquisas realizadas pela ONU (2019). De acordo com essa organização, apenas 32% das empresas têm planos ambiciosos para atingir os 17 ODS. Para a Organização, isso é preocupante, já que as ações em apoio aos ODS parecem estar separadas das estratégias mais centrais da maioria das empresas, não influenciando nas questões relacionadas às inovações de produtos, serviços ou modelos de negócios (ONU, 2019).

No caso do segmento de trigo e derivados, isso parece não ser muito diferente e preocupante, se considerarmos que já se passaram cinco anos da implementação da Agenda 2030 e seus respectivos ODS. Entre as 91 empresas questionadas neste trabalho, cerca de 11% delas conseguiram implementar 38,4% dos ODS.

Por mais que 53% dos ODS estejam em fase de implementação nessas mesmas empresas, isso pode levar ainda algum tempo para se verificar os resultados. Outro fato a ser levantado nestes tempos de pandemia de Covid-19 é que para a implementação de alguns desses ODS há necessidade de recursos financeiros, desenvolvimento e transferências de tecnologia, parcerias regionais e comerciais, desenvolvimento de capacidades e globalização inclusiva, planejamento e sinergia, fatores que podem demorar para serem retomados, retardando, assim, alguns processos de análise ou implementação dos ODS.

Ainda sobre a implementação desses ODS pela CAI do trigo, cabe dizer que o que diferencia as empresas de estar na fase de implementação ou implantação total do ODS às práticas industriais é o fato de enxergar que ainda ações podem ser incorporadas na empresa visando à melhora na adoção do ODS.

Vale dizer que a contribuição efetiva para o ODS é baseada em indicadores (metas), ou seja, o quanto na implementação do ODS se traduziu em avanço de um estado A, anterior à implementação, em direção à meta. Dessa forma, pegando como exemplo uma das empresas respondentes e o ODS 7, em seu relatório de sustentabilidade de 2019 a empresa deixa claro que ações internas voltadas para a eficiência energética representam uma economia anual de cerca de R\$ 800 mil, porém, para 2021, pretende ainda reduzir esse valor em mais 2%.

Fazendo uma comparação com as empresas brasileiras, de acordo com o Comitê Brasileiro do Pacto Global para a Agenda 2030, que fez uma pesquisa em 2017 com 21 empresas, foi demonstrado que metade delas já considera os ODS como referência em suas atividades cotidianas para a condução dos negócios, seja na gestão, seja na estratégia. E outros 20% declaram que usarão os ODS no futuro. O restante das empresas pesquisadas (30%) faz referência a outras iniciativas globais, como os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), dos quais os ODS são a continuidade (PACTO GLOBAL, 2017).

Para o segmento de trigo e derivados, novamente, pode-se dizer que o resultado não se mostrou tão diferente. Das empresas respondentes, 57,1% já utilizam a Agenda e seus objetivos nas práticas empresariais e 39,6% ainda não, porém, pretendem utilizá-la nos próximos anos.

Pensar no segmento do trigo e derivados é pensar em empresas que, na maior parte das vezes, fazem parte de diversos elos da CAI do trigo. Essa foi uma das dificuldades encontradas para realizar as análises estatísticas dos dados com base no produto em que as empresas produziam. Apesar disso, foi possível perceber que as empresas com portes diferentes (pequenas, médias e grandes empresas) também têm um conhecimento diferente em relação à Agenda 2030 e, conseqüentemente, a seus ODS. No

caso das médias e grandes empresas, a diferença de conhecimento já não é perceptível, além do fato de verificar o engajamento similar em relação à análise e implementação desses ODS. Porém, isso não é verificado quando falamos das pequenas empresas, pois o fato de primeiro pensarem em sobreviver no mercado ou carecerem de capacidade técnica e profissionais especializados em responsabilidade corporativa deixa a Agenda 2030 e seus ODS em segundo plano, sendo que da amostra presente neste estudo (12,1%) apenas uma delas foi capaz de atrelar a Agenda às suas práticas empresariais.

Também foi possível, neste trabalho, fazer um resumo de algumas atividades que já foram incorporadas no dia a dia das empresas da CAI do trigo, visando ao cumprimento dos ODS da Agenda 2030. Mas vale salientar que, independente do porte e conhecimento que elas têm referente ao assunto aqui abordado, não são grandes os números de empresas ligadas ao trigo que expõem seus resultados anuais em relatórios publicados em meio eletrônico o que, também, acaba dificultando a aquisição de material comprobatório. Essa ausência de informação acaba por mostrar a falta de transparência social quanto ao processo de implementação dos ODS por essas empresas, tocando em um tema importante para a Agenda 2030: informação.

Finalizando, podemos dizer que ainda há muito para o segmento do trigo e derivados galgar nos valores e metas propostos na Agenda 2030 e seus ODS. As ações voltadas para esse fim, que as empresas aqui estudadas estão inserindo em suas práticas empresariais, são similares às que verificamos em relatórios de sustentabilidade de outros segmentos, como no caso de carnes e derivados (desenvolvimento dos ODS 2, 3, 6, 8, 12 e 15). Contudo, o número de adeptos a essas práticas ainda é muito pequeno.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA SOCIAL DE NOTÍCIAS. **Pânico com novo Coronavírus reafirma urgência da sustentabilidade ambiental e importância da Agenda 2030**. 2020. Disponível em: <<http://agenciasn.com.br/arquivos/16839>>. Acesso em: 25 mar. 2020.

ANDERSON, K. et al. Earth observation in service of the 2030 Agenda for Sustainable Development. **Geo-spatial Information Science**, v. 20, n. 2, p. 77-96, 2017.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DO TRIGO. 2019. Disponível em: <www.abitrigo.com.br/estatisticas-importacao-exportacao.php?a=2018>. Acesso em: 01 abr. 2019.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DE ALIMENTAÇÃO. **Sustentabilidade na Indústria da Alimentação – 2017**. Disponível em: <https://bucket-gw-cni-static-cms-si.s3.amazonaws.com/media/filer_public/7a/97/7a977a1f-7c82-40c5-888f-942b7750850e/abia.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2019.

B3; COMISSÃO DE VALORES MOBILIÁRIOS; GLOBAL REPORTING INITIATIVE; REDE BRASIL DO PACTO GLOBAL DA ONU. **Mercado de capitais e ODS**. 2018. Disponível em: <http://www.b3.com.br/data/files/51/94/4D/DC/A4887610F157B776AC094EA8/Mercado_de_Capitais_e_ODS.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2020.

BÁRCENA, A. **La Agenda 2030 para el Desarrollo Sostenible: perspectivas latinoamericanas y caribeñas**. Publicação, reprodução, execução: direitos autorais. In: XIV CONFERENCIA DE MINISTROS Y AUTORIDADES DE PLANIFICACIÓN DE AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE, Yachay, CEPAL, p. 1-28, 2015.

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Disponível em: <<https://www.conab.gov.br>>. Acesso em: 05 mar. 2020.

COOPER, D. R.; SCHINDLER, P. S. **Métodos de Pesquisa em Administração**. Porto Alegre: Bookman, 2003.

CORTE, V. F. D.; WAQUIL, P. D. Inovação na Indústria de derivados de Trigo no Brasil. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, Lavras, v. 17, n. 4, p. 479-490, 2015.

CUNHA, G. **Caminhos para o trigo nacional: inovação tecnológica e aproximação com a indústria**. (2017) Disponível em: <<https://www.grupocultivar.com.br/noticias/caminhos-para-o-trigo-nacional-inovacao-tecnologica-e-aproximacao-com-a-industria>>. Acesso em: 28 mar. 2019.

DEPARTAMENTO OF ECONOMIC AND SOCIAL AFFAIRS. **Information brief on SDG acceleration actions.** 2020. Disponível em <https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/25680Information_Brief_for_SDG_Acceleration_Actions.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2019.

ECONODATA. 2020. Disponível em:<<https://econodata.com.br/>>. Acesso em: 23 mar. 2020.

EMBRAPA. **Qualidade tecnológica de trigo colhido e armazenado no Brasil.** 2018. Disponível em: <<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/178390/1/ID44342-2018DO178.pdf>>.2018. Acesso em: 23 mar. 2019.

FAZCOMEX. 2020. **Tecnologia para Comércio Exterior.** Disponível em: <<https://www.fazcomex.com.br/blog/importacao-de-trigo/>>. Acesso em: 10 mar. 2020.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO PARANÁ. **Panorama setorial: indústria do trigo: Paraná 2016.** Federação das Indústrias do Estado do Paraná e Sindicato da Indústria do Trigo no Estado do Paraná. Curitiba: FIEP, 2016. 150 p.

FEIL, A. A.; SCHREIBER, D. Sustentabilidade e desenvolvimento sustentável: desvendando as sobreposições e alcances de seus significados. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 667-681, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167939512017000300667&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 mar. 2020.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 200 p.

GLOBAL REPORTING INITIATIVE. **Sustainability Disclosure Database:** register report. 2016. Disponível em: <<http://database.globalreporting.org/reports.>> Acesso em: 20 mar. 2020.

GLOBAL REPORTING INICIATIVE; UN GLOBAL COMPACT; WORLD BUSINESS COUNCIL FOR SUSTAINABLE DEVELOPMENT. **SDG Compass: a guide for business action to advance the sustainable development goals.** 2015. Disponível em: <<https://sdgcompass.org/>>. Acesso em: 23 mar. 2019.

GOMEZ, C. R. P.; CASTILLO, L. A. G. ECP-Social: uma proposta de avaliação da performance social para negócios sustentáveis. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 3, p. 01-17, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-39512007000300004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 abr. 2020. <https://doi.org/10.1590/S1679-39512007000300004>.

HOVE, H. Critiquing Sustainable Development: a meaningful way of mediating the development impasse? **Undercurrent**, v. 1, n. 1, p. 48-54, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. 2017. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2421/pnact_2017_2tri.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2020.

KALINKE, A. M. 2020. **Agenda 2030: qual o papel da sua empresa nesta iniciativa?** Disponível em: <<https://www.i9ce.com.br/agenda-2030/>>. Acesso em: 05 abr. 2020.

KINGO, L. **Na linha de largada da década da ação.** 2020. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/artigo-na-linha-de-largada-da-decada-da-acao/>>. Acesso em: 15 mar. 2020.

LEITE, C. M. **Implementação dos objetivos de desenvolvimento sustentável em empresas: contribuições do investimento social privado no Brasil.** (106 p.). Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, Campinas, SP. 2018. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/331708>>. Acesso em: 24 mar. 2020.

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MARTÍNEZ-MONZÓ, J.; GARCÍA-SEGOVIA, P.; ALBORS-GARRIGOS, J. Trends and Innovations in

Bread, Bakery, and Pastry. **Journal of Culinary Science e Technology**, v. 11, n. 1, p. 56-65. 2013. doi: 10.1080/15428052.2012.728980.

MARTINS, J. P. S. **Pânico com novo coronavírus reafirma urgência da sustentabilidade ambiental e importância da Agenda 2030**. 2020. Disponível em: <<https://agenciasn.com.br/arquivos/16839>>. Acesso em: 15 mar. 2020.

MORETTI, C. L. Brasil terá papel central no cumprimento das metas estipuladas pela Agenda 2030, da ONU. **Revista Avicultura Industrial**, v. 1.284, n. 1, p. 19-23, 2019.

MORI, C.; IGNACZAK, J. C. Aspectos econômicos do complexo agroindustrial do trigo. In: PIRES, J. L. F.; VARGAS, L.; CUNHA, G. R. da (Ed.). **Trigo no Brasil: bases para produção competitiva e sustentável**. Passo Fundo: Embrapa Trigo, Cap. 3, p. 41-76, 2011.

MUKAKA, M. M. Statistics corner: a guide to appropriate use of correlation coefficient in medical research. **Malawi Medical Journal**, n. 24, v. 3, p. 69-71, 2012.

NILO, A.; MATTAR, C. III Relatório Luz da Sociedade Civil da Agenda 2030 de desenvolvimento sustentável – Brasil. 92. 2019. Disponível em: <https://brasilnaagenda2030.files.wordpress.com/2019/09/relatorio_luz_portugues_19_final_v2_download.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2020.

ONU BRASIL. **Transformando Nosso Mundo: a agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável**, ONU, 2015.

ONU. 2019. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/apenas-32-das-empresas-do-mundo-tem-planos-ambiciosos-para-atingir-objetivos-globais/>>. Acesso em: 02 abr. 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. 2019. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>>. Acesso em: 15 fev. 2020.

PACTO GLOBAL. 2020. Disponível em: <<https://www.pactoglobal.org.br/>>. Acesso em: 16 fev. 2020.

PASQUALETO, O. de Q. F. **Agenda 2030: múltiplas dimensões da sustentabilidade e a década de ação**. 2020. Disponível em: <<https://esaoabsp.edu.br/Artigo?Art=231>>. Acesso em: 15 mar. 2021.

RAZAVI, S. The 2030 Agenda: challenges of implementation to attain gender equality and women's rights. **Gender & Development**, v. 24, n. 1, p. 25-41, 2016. DOI: 10.1080/13552074.2016.1142229

SAYEG, R. H. **Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 17 – ODS 17 – parcerias pelas metas**. 2017. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/211928321.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2021.

SEBRAE. **Critérios e conceitos para classificação de empresas 2010**. Disponível em: <www.sebrae.com.br>. Acesso em: 20 abr. 2013.

SIDONIO, L. R. et al. **Inovação na indústria de alimentos: importância e dinâmica no complexo agroindustrial brasileiro**. BNDES Setorial, Rio de Janeiro, n. 37, mar. 2013. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/bnset/set3708.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2020.

SIEBERT, C. F.; SIEBERT, D. C. **Data Analysis with Small Samples and non-normal Data**. Nonparametrics and Other Strategies. Oxford. 2017. 240 p.

SILVA, E. R. A. Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e os Desafios da Nação. Cap. 35. In: **Desafios**

da Nação: artigos de apoio. v. 2. Ipea, Brasília. 2018, p. 659-678. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/porta_l/index.php?option=com_content&view=article&id=32983>. Acesso em: 21 fev. 2020.

UN GLOBAL COMPACT. 2019. **United Nations Global Compact progress report.** 2019. Disponível em: <<http://materiais.pactoglobal.org.br/2019-progress-report>>. Acesso em: 02 abr. 2020.

UNITED NATIONS. **SDG acceleration action.** Disponível em: <<https://sustainabledevelopment.un.org/sdgactions/about#>>. Acesso em: 15 mar. 2021.